

A HISTÓRIA ORAL ENQUANTO CAMPO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Data de aceite: 02/05/2024

Júlio Resende Costa

Pós-doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Coordenador da Banca Permanente de Avaliação do Centro Estadual de Educação Continuada Monsenhor Geraldo Mendes Vasconcelos

Sônia Maria dos Santos

Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Titular aposentada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Consultora da Unesco no Projeto Alfabetização de Adultos no Brasil

RESUMO: Por meio de uma pequena discussão epistemológica sobre a História Oral, o texto discutiu e analisou a relevância das fontes orais na pesquisa histórica e sua contribuição para a historiografia da educação. O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de natureza descritiva

e recorreu ao uso de fontes bibliográficas como percurso metodológico. Sufocada pelos postulados positivistas, a História Oral ressurgiu como estratégia de pesquisa em história a partir da década de 1950, ganhando vigor acadêmico nas décadas seguintes. A história é um fenômeno vivo, dinâmico. Os fatos históricos não estão encerrados em si mesmos. Dessa premissa decorre a necessidade de repensar o passado. À medida que o passado é revisitado, ele revela descobertas inéditas para a história da educação. As fontes orais diferem-se das fontes tradicionais porque não são encontradas ao acaso e nem em estado bruto: são produzidas coletivamente, por meio da relação dialética entre entrevistador e entrevistado, em um movimento mediado pela memória e pela linguagem. A memória é o elemento dinamizador do relato que dá origem ao documento oral, inédito e revelador. A relevância acadêmica, histórica e social do documento oral está intimamente ligada à suficiência investigativa do pesquisador, sua competência para recompor eventos passados e acuidade para analisar e interpretar o relato oral. A História Oral não nega as fontes documentais clássicas. Ao responder interrogações que as fontes

tradicionais não conseguem elucidar, ao preencher as lacunas apresentadas nos documentos impressos e/ou escritos, a História Oral dialoga com outros tipos de fontes, suscita novas indagações e abre horizontes e perspectivas de abordagem e interpretação do fenômeno histórico. Percorrendo esse caminho, as fontes orais permitem elucidar uma história ainda não conhecida ou parcialmente explicada pelas fontes clássicas.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia da Educação. História Oral. Memória.

ORAL HISTORY AS A KNOWLEDGE PRODUCTION FIELD IN THE HISTORY OF EDUCATION

ABSTRACT: Through a small epistemological discussion about Oral History, the text discusses and analyzes the relevance of oral sources in historical research and their contribution to the historiography of education. The study is characterized as qualitative research, of a descriptive nature and resorted to the use of bibliographic sources as a methodological path. Suffocated by positivist postulates, Oral History resurfaced as a research strategy in the history from the 1950s onwards, gaining academic vigor in the following decades. History is a living, dynamic phenomenon. Historical facts are not closed in on themselves. From this premise arises the need to rethink the past. As the past is revisited, it reveals unprecedented discoveries for the history of education. Oral sources differ from traditional sources because they are not found at random or in their raw state: they are produced collectively, through the dialectic relationship between interviewer and interviewee, in a movement mediated by memory and language. Memory is the dynamic element of the story that gives rise to the oral, unpublished and revealing document. The academic, historical and social relevance of this oral document is closely linked to the investigative sufficiency of the researcher, his competence to recompose past events and acuity to analyze and interpret the oral report. Oral History does not deny the classic documentary sources. By answering questions that traditional sources are unable to elucidate, by filling in the gaps presented in printed and/or written documents, Oral History dialogues with other types of sources, raises new questions and opens up horizons and perspectives for approaching and interpreting the historical phenomenon. Following this path, oral sources make it possible to elucidate a story not yet known or partially explained by classic sources.

KEYWORDS: Historiography of Education. Oral History. Memory.

LA HISTORIA ORAL COMO CAMPO DE PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO EN LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN

RESUMEN: A través de una pequeña discusión epistemológica sobre la Historia Oral, el texto discute y analiza la relevancia de las fuentes orales en la investigación histórica y su aporte a la historiografía de la educación. El estudio se caracteriza como una investigación cualitativa, de carácter descriptivo y recurrió al uso de fuentes bibliográficas como vía metodológica. Asfixiada por los postulados positivistas, la Historia Oral resurgió como estrategia de investigación en historia de la educación a partir de la década de 1950, cobrando vigor académico en las décadas siguientes. La historia es un fenómeno vivo y dinámico. Los hechos históricos no están encerrados en sí mismos. De esta premisa surge la necesidad de repensar el pasado. A medida que se revisa el pasado, se revelan descubrimientos sin

precedentes para la historia de la educación. Las fuentes orales se diferencian de las fuentes tradicionales porque no se encuentran al azar o en estado bruto: se producen colectivamente, a través de la relación dialéctica entre entrevistador y entrevistado, en un movimiento mediado por la memoria y el lenguaje. La memoria es el elemento dinamizador del relato que da origen al documento oral, inédito y revelador. La relevancia académica, histórica y social del documento oral está íntimamente ligada a la suficiencia investigativa del investigador, su competencia para recomponer hechos pasados y la agudeza para analizar e interpretar el informe oral. La Historia Oral no niega las fuentes documentales clásicas. Al responder preguntas que las fuentes tradicionales no logran dilucidar, al llenar los vacíos que presentan los documentos impresos y/o escritos, la Historia Oral dialoga con otro tipo de fuentes, plantea nuevos interrogantes y abre horizontes y perspectivas para abordar e interpretar lo fenómeno histórico. Siguiendo este camino, las fuentes orales nos permiten dilucidar una historia aún no conocida o parcialmente explicada por las fuentes clásicas.

PALABRAS-CLAVE: Historiografía de la Educación. Historia oral. Memoria.

APONTAMENTOS INICIAIS

A historiografia baseada em fontes orais é uma forma de escrita, mas não pode esquecer de origens orais; é um texto, mas não pode esquecer que nasceu como performance. Por isso, os historiadores orais citam muito mais amplamente as palavras de suas fontes, conservando o máximo possível de sua sintaxe e estilo. [...] Incorporam sua subjetividade, sua imaginação, sua arte verbal, no mesmo tecido de um texto dialógico, no qual a voz do historiador é somente uma das vozes, e não necessariamente a mais autorizada (PORTELLI, 2010, p. 216).

A partir desse excerto, provocamos uma pequena discussão epistemológica sobre a História Oral. Reconhecemos a relevância dos debates travados nas diversas gerações da *École des Annales* para o surgimento, consolidação e afirmação da História Oral como campo legítimo de produção do conhecimento e apropriação do status acadêmico. As discussões travadas no interior da *École des Annales* foram fundamentais para que a História Oral se afirmasse enquanto método e/ou metodologia de pesquisa em história da educação.

O texto analisou e discutiu, sucintamente, a contribuição e relevância da História Oral e das fontes orais para a historiografia da educação. O estudo recorreu às fontes bibliográficas, à metodologia qualitativa de pesquisa e se caracterizou pela natureza descritiva.

Enquanto fenômeno vivo e dinâmico, a história não se encerra em si mesma. Necessita ser sempre pensada. Desse princípio decorre a necessidade de repensar o passado. À medida que o passado é revisitado, ele revela descobertas inéditas para a história da educação.

HISTÓRIA ORAL: CAMPO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Portelli (2010) alerta que a História Oral não é a história da estória, mas uma nova forma de se fazer a história a partir de uma relação dialógica entre dois sujeitos. Trata-se de uma relação de confiança mútua entre os dois sujeitos (entrevistado e entrevistador). A História Oral fundamenta-se no eu que passa a conhecer o outro e se projeta nele para produzir a sua narrativa.

A História Oral tem suas raízes no desenvolvimento da linguagem humana. A oralidade foi uma das primeiras estratégias utilizadas pelos grupos sociais para registrar os eventos, sobretudo nas sociedades pré-letradas. Para Thompson (1992, p. 45), “na verdade, a História Oral é tão antiga quanto a própria história. Nesse estágio, toda a história era História Oral” (THOMPSON, 1992, p. 45).

Embora tenha sido utilizada como metodologia de pesquisa a partir da década de 1950, nos Estados Unidos e na Europa, a História Oral foi introduzida na academia brasileira a partir dos anos 1970. Após sua inclusão no campo das metodologias de pesquisa em ciências sociais, a História Oral conquistou a adesão de inúmeros pesquisadores, dos mais diversos campos do conhecimento, permitindo analisar diferentes temáticas, mas “somente no início dos anos 90 a história oral experimentou aqui uma expansão mais significativa” (FERREIRA; AMADO, 2006, p. ix).

Dependendo da forma como é utilizada na pesquisa em história da educação, a História Oral pode ser concebida como método, metodologia ou técnica de produção e tratamento de dados e informações. Para Santos e Araújo (2007, p. 194) “utilizada como técnica, a História Oral é subsidiária de outra fonte. Comporta-se, no entanto, como recurso importante para completar falhas ou lacunas constantes de outra documentação”. Em outro trecho, os autores afirmam:

Na acepção de método, tem o seu lugar como fonte principal da investigação e envolve um conjunto de entrevistas, que funciona como amostragem significativa, expressiva, pela qual, elementos essenciais do universo em análise devem estar presentes. Como método, configura-se, então, como o fundamento da pesquisa com procedimentos claros (SANTOS; ARAÚJO, 2007, p. 194).

A História Oral tem como base o relato, a narrativa. A narrativa tem sua origem na memória e se constitui a partir da relação dialógica entre os sujeitos, narrador e entrevistador, dentro de um contexto de pesquisa de campo, no qual “os narradores podem nem sempre estar cientes da relevância histórica de sua experiência pessoal” (PORTELLI, 2016, p. 15). A narrativa não é um documento estático, que nasce da coleta pura e simples de informações, mas um processo e uma performance (PORTELLI, 2016).

A memória é imprescindível para a produção de uma narrativa. Bosi (1994) é enfática ao afirmar que a lembrança não é um fragmento da consciência que foi descartado e depositado em um inconsciente inacessível. A lembrança está sempre “viva” e pode, a qualquer momento, ser resgatada e integrada ao consciente:

Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança “vive” em estado latente, potencial. Esse estado, porque está abaixo da consciência atual (“abaixo”, metaforicamente), é qualificado de “inconsciente”. O mal da psicologia clássica, racionalista, segundo Bergson, é o de não reconhecer a existência de tudo o que está fora da consciência presente, imediata e ativa. No entanto, o papel da consciência, quando solicitada a deliberar, é sobretudo o de colher e escolher, dentro do processo psíquico, justamente o que não é a consciência atual, trazendo-o à sua luz. Logo, a própria ação da consciência supõe o “outro”, ou seja, a existência de fenômenos e estados infraconscientes que costumam ficar à sombra. É precisamente nesse reino de sombras que se deposita o tesouro da memória (BOSI, 1994, p. 51-52).

A memória é o catalisador da História Oral que se materializa sob forma de linguagem verbal, que ganha sentido e significação ao longo de um diálogo. Sem a memória, não há relato oral, pois, “a memória, que é apenas um dos modos do pensamento, embora dos mais importantes, é impotente fora de um quadro de referência preestabelecido, e somente em raríssimas ocasiões a mente humana é capaz de reter algo inteiramente desconexo” (ARENDE, 1992, p. 31).

Portelli (2010, p. 19) destaca que “os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador, entrevistado e entrevistador”:

A oralidade, então, não é apenas o veículo de informação, mas também um componente de seu significado. A forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A tonalidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção consciente destes (PORTELLI, 2016, p. 21).

Produzir história por meio de relatos orais subsidiados pela memória, suas lembranças e esquecimentos, é uma tarefa árdua para o historiador. Articular a fala do depoente com o objeto de investigação e dar sentido e significado a essa narrativa requer, além do pleno domínio da técnica da História Oral, habilidade e acuidade investigativa do pesquisador.

Recuperar o passado, seja ele individual ou coletivo, por meio da memória configura-se atualmente como um dos caminhos mais difíceis e desafiadores, porém possíveis, para a redescoberta dos processos de representação social e cultural e, por conseguinte, para a redefinição de projetos que relacionam passado, presente e futuro (SAMPAIO; DANTAS, 2020, p. 63).

A memória, fundamento da História Oral, não é um arquivo estanque, composto por dados desconectados entre si. Quando evocada, a memória traz ao discurso lembranças ricas e variadas. Essas lembranças estão impregnadas de informações e, à medida que são acionadas e articuladas, adquirem significância e sentido. A História Oral:

É história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado (PORTELLI, 2016, p. 18).

Portelli (2016, p. 10) argumenta que “a história oral, então, é primordialmente, uma arte da escuta. Mesmo quando o diálogo permanece dentro da agenda original, os historiadores nem sempre estão cientes de que certas perguntas precisam ser feitas”. O autor alega que, enquanto arte da escuta, a História Oral se estrutura em uma cadeia de quatro relacionamentos, articulados entre si:

1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo);
2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória);
3. A relação entre a esfera pública e a esfera privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e suas histórias;
4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador (PORTELLI, 2016, p. 12).

A narrativa não se encerra em si mesma. Não se trata de um momento estanque de uma entrevista em que dois sujeitos, entrevistado e entrevistador, cumprem papéis totalmente distintos, sem entrelaçamentos. Portelli (2010, p. 213) nos fala que “entre/vista significa olhar entre: é uma troca de olhares”.

Segundo Bom Meihy e Seawright (2020), a finalidade das propostas que utilizam a História Oral deve responder a objetivos bem definidos no planejamento. Deve, também, justificar sua intencionalidade por meio de nexos entre uma cadeia de questões que se complementam na estrutura do projeto, conforme demonstrado no Quadro 1.

QUESTÃO	AUTOR
De quem?	Torna possível garantir a escuta para quantos tenham intenções e predisposições de fala a respeito de experiências alinhadas à proposta.
	Recomenda aqueles que, aparentemente, a juízo do oralista em pesquisa prévia, têm a maior reserva de memória entre os colaboradores.
Como?	Sugere escolhas procedimentais apropriadas à história oral.
	Indica vieses adequados para o respectivo tratamento das gravações, seguido de validação e eventuais análises.
Quando?	A primeira temporalidade é relativa ao tema, que é quando o assunto emerge e é justificado.
	A segunda temporalidade pressupõe abordar os ajustes imediatos e práticos dos cronogramas e mutualidades.
Por quê?	Foca em perspectivas abrangentes, como resultantes de impactos sociais de longo alcance, ou dramas particulares que refluem à comunidade de destino.
Por quem?	Remete ao conceito de colaboração.
	Pressupõe operações conjuntas: quando um narrador fala, por quem ele fala e quem fala nele?
Para quem?	Destina-se ao público, mas, antes, é devolvida para e com os colaboradores.
	O oralista preza por propostas de políticas públicas ao encontro de grupos vulneráveis ou que se identificam com os variados reclamos sociais.
	As entrevistas ganham destinação social – incomodam grupos estabelecidos

Quadro 1 – Elementos de coerência interna de um projeto com História Oral

Fonte: Adaptado de Meihy e Seawright (2020).

Tomando emprestado as palavras de Bom Meihy e Seawright (2020), os projetos de pesquisa em História Oral são proposições formais de investigação com uma finalidade articulada aos objetivos definidos no planejamento. Por meio da História Oral, as experiências e vivências dos sujeitos são passíveis de transformação do estado abstrato (vivência) para o concreto (escrita).

Transposto para a forma escrita, o oral ganha materialidade documental, condição que legitima a mudança de uma situação abstrata, solta, para outra, material. História oral é, pois, o movimento de transformação da circunstância natural à sua desnaturalização: da fluidez verbal para a formatação escrita, tudo graças à transferência do oral para outro suporte, material (BOM MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 31).

Ao transcrever a narrativa, o historiador deve ter o cuidado para conservar a linguagem utilizada pelo narrador, pois ela dá significado para o discurso e permite fazer outras leituras e interpretações (PORTELLI, 2016). É justamente essa riqueza polissêmica que caracteriza a História Oral, emprestando a ela peculiaridades que não são encontradas em outras fontes.

Na obra “A memória entre política e emoção”, Passerini (2011)

“[...] considera a memória como forma de subjetividade, já que a memória narrativa de que trato só se constitui como diálogo, como troca entre sujeitos diferentes. Por consequência, a dimensão na qual essa memória se situa compreende sempre dois polos: um individual e um coletivo, que interagem e se influenciam mutuamente (PASSERINI, 2011, p. 7).

O trabalho do investigador que tem a História Oral, como método ou metodologia de pesquisa, avança para além da tarefa de coletar dados ou informações orais do outro, com vistas à produção de uma fonte. Sua participação neste processo não se restringe ao ato de perguntar, observar, ouvir e gravar. O pesquisador é um coautor do produto final da História Oral.

Portelli (2010, p. 19-20) declara que o entrevistador “assume um papel diferente daquele que em geral é atribuído a quem realiza pesquisas de campo: mais do que ‘recolher’ memórias e performances verbais, deve provocá-las e, literalmente, contribuir com sua criação”.

Quando realiza entrevistas, certamente o historiador deve trabalhar segundo suas técnicas próprias, mas também deve ter em mente dois outros procedimentos, tomados de empréstimo a disciplinas vizinhas: por um lado, servir-se das contribuições da sociologia na condução e na formulação das pesquisas; por outro, não negligenciar elementos de psicologia, psicossociologia e psicanálise. Para ele, não se trata de propor interpretações da mensagem que lhe é comunicada, mas de saber que o não-dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato (VOLDMAN, 2006, p. 38).

Depreende-se que as fontes orais não são achadas ao acaso, em estado “natural”, por persistência do historiador. Elas são o resultado de uma relação estabelecida dialogicamente, em uma via de mão dupla, na qual os sujeitos se percebem, analisam um ao outro e interagem entre si, balizados pela entrevista.

[...] as fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na pesquisa feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar (PORTELLI, 2016, p. 10).

O gravador média a sessão, mas há uma intersubjetividade que entrelaça o momento da entrevista e a relação entre os dois sujeitos. Essa intersubjetividade é responsável pela construção do documento a ser construído, enquanto produto da História Oral.

[...] a situação de entrevista institui uma bipolaridade dialógica, dois sujeitos face a face, mediados pelo emprego estratégico de um microfone. Em torno desse objeto os dois se olham. A ideia de que existe um “observado” e um “observador” é uma ilusão positivista: durante todo o tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções (PORTELLI, 2010, p. 20).

Ao optar pelo uso de fontes orais, o historiador deve planejar seu trabalho procurando articular três aspectos diferentes, porém articulados entre si, e que constituem a trajetória a ser percorrida em busca do conhecimento: um evento histórico (fato do passado), um evento presente (narrativa) e uma relação dinâmica entre eles. Assim, o investimento intelectual do historiador oral envolve a recomposição de eventos pretéritos, a interpretação e análise crítica da entrevista e a maneira como esses eventos estimulam a produção de uma memória e a narrativa que dela decorre (PORTELLI, 2016).

Com foco na memória e sua potencialização de contar a história sob uma perspectiva distinta da história oficial, a História Oral pode revelar aspectos desconhecidos e permitir novas análises e compreensão do passado a partir de sujeitos excluídos da história ou que tiveram suas vozes silenciadas. Segundo Portelli (2016, p. 15), as “fontes orais nos ajudam a questionar as fronteiras que dividem o que diz respeito à História e o que não diz”.

Nesta direção, Matos e Senna (2011, p. 96) assinalam que “a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos”.

Em seu ofício de investigação, o historiador deve lançar mão de diversos tipos de fontes (materiais e imateriais): escritas, iconográficas e orais. Para Portelli (2016, p. 9), “as narrativas orais e os testemunhos que constituem a história oral não são mais do que uma ferramenta adicional na panóplia de fontes do historiador”. Assim como as outras, as fontes orais exigem do investigador acuidade crítica e interpretativa. Assim, o pesquisador pode

extrair do relato os aspectos mais importantes para a construção do documento, uma vez que as narrativas trazem consigo nuances de representatividades.

[...] as fontes orais são utilizadas como o eixo de um outro tipo de trabalho histórico, no qual questões ligadas à memória, narrativa, subjetividade e diálogo moldam a própria agenda do historiador. Quando é este o caso, o uso crítico das fontes orais requer abordagens e procedimentos específicos, adequados à sua natureza e forma particulares (PORTELLI, 2016, p. 10).

As fontes orais oferecem subsídios para o historiador complementar uma história sabida, abrir horizontes ou perspectivas para uma história ainda não conhecida. A narrativa não é o fim em si mesma, mas um dos caminhos para a construção de um documento histórico. Para Cruikshank (2006, p. 153), “qualquer interpretação de mitos que se valha de significados superficiais ou óbvios é incorreta, porque a realidade está em um nível mais profundo do conhecimento”.

A entrevista (fonte oral) não se constitui na história em si, mas é uma construção que o indivíduo faz de seu passado com base nas experiências guardadas por sua memória. O trabalho de análise e reflexão sobre a série documental de que dispõe, seja com as fontes orais ou qualquer outro tipo de fonte, e a conseqüente crítica interna e externa a essas fontes é que possibilita ao historiador construir seu trabalho historiográfico, ou seja é a atividade profissional do historiador que cria as condições para a construção de uma história com base nas fontes orais e não a fonte por si só como sugere o termo história oral (SELAU, 2004, p. 218).

As entrevistas são técnicas que produzem fontes preciosas para o historiador que deseja investigar eventos pretéritos. Para Alberti (2004, p. 78), “convém lembrar que as entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado”, ciente de que “o passado existiu independente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras”.

Na entrevista, aspectos particulares e gerais se articulam e se interpenetram entre uma fala do depoente e sua memória diante do contexto histórico em que essa memória foi retomada. As falas são produzidas em um plano sócio-histórico que faz uso da memória e da palavra, o que implica no trabalho com o que é dito e com o não dito, com o que é silenciado. Em suas pesquisas sobre migração feminina na Europa, Passerini (2011, p. 113) observou que “em encontros orais, as hesitações e resistências têm significado, pois chamam a atenção para o não dito ou para o que ainda não está completamente articulado”.

O objeto resultante da História Oral consiste em um documento produzido conjuntamente entre o entrevistador e o entrevistado. A narrativa é uma produção que deve obedecer a critérios éticos que incluem a anuência do depoente para publicação do relato. Segundo Santos e Araújo (2007), “os documentos de História Oral são resultados de relatos, de projetos compartilhados, em que entrevistador/pesquisador e entrevistado/narrador são envolvidos e, nesta perspectiva, possuem aspectos individuais e coletivos”. Os autores prosseguem afirmando que “tais entrevistas são gravadas, transcritas, conferidas e com autorização para serem usadas” (SANTOS; ARAÚJO, 2007, p. 192).

A transcrição da entrevista requer alguns cuidados por parte do entrevistador. Somente ele presenciou a narrativa e pôde observar alguns detalhes que podem passar despercebidos na fala ou na escrita:

Em relação a transcrição, é voz unânime entre os especialistas da área que esta se faça imediatamente após a realização da entrevista e que seja feita por pessoa diretamente envolvida no processo, prioritariamente o entrevistador. Toda entrevista é revestida de uma gama de detalhes: são sorrisos, lágrimas, gestos, reticências que devem ser anotadas pelo entrevistador (SOUZA, 1997, p. 62).

Na perspectiva de alguns pesquisadores positivistas, a História Oral pode conter nuances de afetividade. Na percepção desses historiadores, essa suposta subjetividade pode comprometer a elucidação da verdade:

Do ponto de vista dos historiadores tradicionais, metodologicamente mais conservadores, a objeção mais importante à história oral dizia respeito à sua confiabilidade: não podemos nos fiar em narrativas orais porque a memória e a subjetividade tendem a “distorcer” os fatos (PORTELLI, 2016, p. 17).

Em contraponto, inúmeros pesquisadores discordam do posicionamento de historiadores clássicos. Bédarida (2006) argumenta que a veracidade da História tem origem na interação entre os componentes do passado, da forma como ele chega ao historiador por meio de indícios e a capacidade do pesquisador em reconstruí-lo e atribuir a ele clareza e inteligibilidade. Para o historiador, “a objetividade absoluta não existe”, tal como os positivistas a desejavam (BÉDARIDA, 2006, p. 222).

As fontes escritas e não-escritas não são concorrentes entre si. Na verdade, são formas de expressão e linguagem humana. Apesar de se materializarem por processos distintos, elas se interpenetram, intercomplementam-se, vinculam-se e dialogam entre si. Uma fonte não se sobrepõe à outra. As fontes, independentemente do suporte de sua produção, partilham um mesmo objetivo, que é a comunicação. Essa assertiva é endossada na citação de Calvino (2006):

Se sentimos tão intensamente a incompatibilidade entre o escrito e o não-escrito, é porque estamos hoje muito mais cientes do que é o mundo escrito; nunca podemos nos esquecer de que é feito de palavras, de que a linguagem é empregada de acordo com suas próprias técnicas e estratégias, de que os significados e as relações entre os significados se organizam segundo sistemas especiais; estamos cientes de que, quando uma história nos é contada (e quase todo texto escrito conta uma história [...]), essa história é acionada por um mecanismo, semelhante a outros mecanismos de outras histórias (CALVINO, 2006, p. 142-143).

Debater a objetividade da História Oral não ocupa mais o foco das preocupações dos autores que “desconfiam” de sua fidedignidade enquanto fonte. Essa é uma discussão secundária no meio acadêmico, sem espaço para formar posicionamentos a favor ou contra a História Oral, ou tentar atribuir a ela uma posição de segunda classe dentro da hierarquia do conhecimento (CAMARGO, 1994).

Pensar se a História Oral é objetiva ou não, seria realmente pouco relevante, na medida em que nenhuma fonte é objetiva. Toda fonte, em princípio, é provida de objetividade, mas é também um fator de desconfiança e, evidentemente, pode ser um indutor do equívoco (CAMARGO, 1994, p. 78).

Ao analisar a fecundidade da História Oral, François (2006) explica que suas contribuições para a historiografia e os debates que ela suscita no meio acadêmico atraem seus praticantes e, sobretudo, todos os historiadores. Declarando que é mais um observador atento e interessado na temática, o autor reconhece que a História Oral contribuiu para ampliar sua concepção de História.

Conheço poucos setores da pesquisa histórica que atualmente esclareçam melhor do que a história oral como a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórica sobre as problemáticas e os métodos estão indissociavelmente ligadas, e que demonstrem de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre o resultado de sua elaboração pelo historiador: em suma, que a história é construção. Embora não seja praticante da história oral, reconheço de bom grado que aprendi muito sobre a história e a profissão de historiador graças à história oral (FRANÇOIS, 2006, p. 13).

O ceticismo que assombrou alguns historiadores mais antigos, encontra-se diluído, pois “a oposição à evidência oral baseia-se muito mais em sentimentos do que em princípios. Os historiadores da geração mais antiga [...] ficam instintivamente apreensivos com o advento de um novo método” (THOMPSON, 1992, p. 103). Para o autor, “uma das grandes vantagens da História Oral é que ela possibilita ao historiador compensar o viés presente nas fontes históricas habituais” (THOMPSON, 1992, p. 167).

Duby (1991) faz uma reflexão crítica acerca dos posicionamentos e condicionantes positivistas sobre as fontes orais, conforme declarado a seguir:

Pela minha parte, quis, talvez mais na esteira de Lucien Febvre que de Marc Bloch, voltar às fontes narrativas e lê-las de outro modo. A História positivista, fundamentalmente baseada em factos, tinha-os interrogado de uma maneira quase policial, na vã esperança de atingir a realidade dos factos. Ora, é menos a realidade dos factos que me interessa do que a maneira como as testemunhas, os autores desses grandes textos narrativos tomaram consciência dos factos que relatam. Eu situo a minha observação a um nível que é o do imaginário colectivo. E, neste domínio, os textos dos historiadores antigos não são os únicos dignos de atenção, mas todo o conjunto de documentos em que se revela o imaginário, a literatura hagiográfica, por exemplo, em resumo, os inumeráveis textos em que se exprime a visão que os homens do passado tinham da realidade concreta (DUBY, 1991, p. 42).

Toda fonte provém do fazer humano e, por esse motivo, está marcada por subjetividade. Por ser produzida pelo sujeito histórico, toda fonte apresenta subjetividade e pode não ser totalmente confiável (CAMARGO, 1994). Ao ser produzido, o documento ou outra fonte, não está totalmente livre de um viés que, durante sua produção, acabou deformando sua essência original.

Thompson (1998) afirma que não há fontes totalmente seguras. Tanto o oral como o escrito, podem ser alterados, deturpados e corrompidos. Para o autor, todas as fontes são vulneráveis a esses vieses, e “o que chega até nós é o significado social, e este é que deve ser avaliado” (THOMPSON, 1992, p. 145).

O verdadeiro objetivo dos sociólogos da história de vida, ou do historiador oral, deve ser revelar as fontes de viés, mais do que pretender que elas possam ser eliminadas, por exemplo, com “um pesquisador sem um rosto que exprima sentimentos” (THOMPSON, 1992, p. 158).

A mesma cautela que o historiador deve ter ao trabalhar com as fontes orais também deve ser aplicada à análise das fontes documentais, pois “não é por acaso que esses documentos e registros vieram a estar ao dispor do historiador. Houve um objetivo social por trás de sua criação original, tanto quanto de sua posterior preservação” (THOMPSON, 1992, p. 145).

Endossando o posicionamento de Thompson (1992), Portelli (2016) questiona e argumenta:

Como podemos nos assegurar de que distorções igualmente sérias não são encontradas em fontes documentais mais estabelecidas? Portanto, assim como ocorre com todas as outras fontes, a tarefa do historiador reside em fazer o cruzamento das informações, checando cada narrativa contra outras narrativas e outros tipos de fonte (PORTELLI, 2016, p. 17-18).

Prosseguindo seu discurso, Portelli (2016) salienta que as fontes orais se distinguem das fontes tradicionais pelo seu movimento, sempre mediado pela memória e pela linguagem incrustadas na narrativa. É esse movimento que empresta às fontes orais um caráter de dinamismo e fluidez:

Em segundo lugar, e mais importante, os trabalhos em história oral mais avançados criticamente e mais conscientes metodologicamente reorientaram essa questão: o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem (PORTELLI, 2016, p. 18).

Ao utilizar as fontes orais em seu trabalho, o pesquisador deve estar atento ao contexto em que tais fontes foram produzidas. A análise dessas fontes é uma tarefa essencialmente qualitativa, e o “trabalho com a pesquisa qualitativa exige que o investigador se preocupe em compreender os eventos investigados, a partir sempre de seus contextos, sendo necessário, assim, uma descrição detalhada das condições de produção” (ALVES, 2016, p. 3). A História Oral, como método ou metodologia de investigação, possui natureza qualitativa. Segue os postulados e princípios teórico-metodológicos adotados na pesquisa qualitativa.

[...] a entrevista (fonte oral) não se constitui na história em si, mas é uma construção que o indivíduo faz de seu passado com base nas experiências guardadas por sua memória. O trabalho de análise e reflexão sobre a série documental de que dispõe, seja com as fontes orais ou qualquer outro tipo de fonte, e a conseqüente crítica interna e externa a essas fontes é que

possibilita ao historiador construir seu trabalho historiográfico, ou seja é a atividade profissional do historiador que cria as condições para a construção de uma história com base nas fontes orais e não a fonte por si só como sugere o termo história oral (SELAU, 2004, p. 218).

O emprego da História Oral na investigação requer do pesquisador domínio de sua estrutura teórico-metodológica, formas de abordagem e interpretação dos resultados obtidos por meio das narrativas. Requer do investigador crença nessa técnica como estratégia para a produção de fontes. A História Oral não rivaliza, nem nega documentos escritos, iconográficos ou outras fontes. Pelo contrário, a História Oral se articula com as outras fontes na busca pela interpretação do fenômeno e elucidação da verdade. A fonte oral preenche lacunas, responde questões e esclarece pontos obscuros na história que as fontes tradicionais não conseguem desvendar ou explicar.

A opção pela História Oral pressupõe um intenso trabalho de preparação, o que inclui o prévio levantamento de dados que subsidiará o roteiro de entrevista. Exige do entrevistador acuidade investigativa, objetividade e clareza na condução das entrevistas, pois “delas depende a construção convincente de seu discurso” (JANOTTI, 2008, p. 10).

Ao decidir pela História Oral, o pesquisador deve dominar a estrutura teórico-metodológica dessa técnica, suas formas de abordagem do problema e saber interpretar, criticamente, os resultados obtidos com as entrevistas. Por meio das narrativas de sujeitos que vivenciaram fatos históricos, a História Oral fornece elementos altamente significativos no processo de investigação do passado, permitindo reconstruir a história a partir de informações ou dados que nem sempre são encontrados nos documentos escritos tradicionais.

A história do tempo presente, mais do que todas as outras, mostra que há entre a ficção e a história uma diferença fundamental, que consiste na ambição da história de ser um discurso verdadeiro, capaz de dizer o que realmente aconteceu. Essa vocação da história, que é ao mesmo tempo narrativa e saber, adquire especial importância quando ela se insurge contra os falsificadores e falsários de toda sorte que, manipulando o conhecimento do passado, pretendem deformar as memórias (CHARTIER, 2006, p. 217).

As fontes e os documentos orais proporcionam dinamicidade e movimento à pesquisa em história da educação. Matos e Senna (2011, p. 96) assinalam que “a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos”.

Tomamos emprestadas as indagações feitas por Rémond (2006, p. 207), merecedoras de reflexão: “É necessário esperar o desaparecimento dos últimos sobreviventes, daqueles que poderiam testemunhar? É o aniquilamento da memória pessoal? É preciso esperar que os fenômenos estudados sejam fenômenos consumados?”

Com foco na memória e sua potencialização de contar a História sob uma perspectiva distinta da história oficial, a História Oral pode revelar aspectos desconhecidos, favorecer nova leitura, análise e produção historiográfica, pois ‘a história não nos pertence, ela pertence a todos, aos magistrados como aos cidadãos. É um bem comum, cada um tem direitos sobre sua história e devemos ser os representantes da sociedade’ (RÉMOND, 2006, p. 208).

Sob essa possibilidade, a História Oral traz à tona uma nova percepção do fato histórico e aprimora a compreensão do passado a partir de micro-histórias, de narrativas de sujeitos ou grupos sociais excluídos do processo histórico que tiveram suas vozes abafadas. Para Wolfromm (1991, p. 65), “uma das novidades da historiografia actual é a de nos mostrar como viviam os homens no dia a dia. Os desconhecidos, aqueles de quem nunca se fala, que não são célebres”.

A importância de (re)pensar o passado reside no fato de que ele sempre revela algo inédito para as gerações atuais, imersas no hiato entre o passado e o presente. Para Arendt (1992, p. 37), o passado nunca passou... é uma força que “ao invés de puxar para trás, empurra para a frente, e, ao contrário do que seria de se esperar, é o futuro que nos impele de volta ao passado”. O tempo não é um *continuum* ininterrupto... ele está dividido entre duas partes, e é nesse interstício que o homem se posiciona, não como o presente, mas como uma lacuna no tempo que se concretiza por meio do estranhamento frequente e posicionamento diante do passado e do futuro. É a inserção do homem no tempo que provoca essa partição: passado, presente e futuro (ARENDR, 1992). Fundamentada nos estudos e reflexões de Arendt (1992) Passerini (2006, p. 214) conclui que a lacuna “não é um mero intervalo, mas um campo de forças gerado pelo esforço do homem para pensar”.

Parafrazeando Certeau (1982), a apresentação do passado tem como regulamento geral a crença de que ele é o discurso do inerte, do estático, do inanimado, representado por aquele que não se faz presente. É a linguagem, esse mecanismo sistemático de comunicar ideias e emoções, seja pela palavra ou pela ação, que produz sentido e atribui significância ao que é narrado, tornando-o pensável e inteligível. O autor diz que “o espaço do discurso remete a uma temporalidade diferente daquela que organiza as significações de acordo com as regras classificatórias da conjugação” (CERTEAU, 1982, p. 54).

Para Certeau (1982), o discurso é mediado pela linguagem entre o morto e o vivo, entre o dito e o não dito, entre o dizer e o fazer. Nesse movimento dialético, insere-se um terceiro elemento, o passado, que empresta as condições necessárias para que o enunciado ou proferido torne-se um objeto passível de análise.

O discurso sobre o passado tem como estatuto ser o discurso do morto. O objeto que nele circula não é senão o ausente, enquanto que o seu sentido é o de ser uma linguagem entre o narrador e os seus leitores, quer dizer, entre presentes. [...] O morto é a figura objetiva de uma troca entre vivos. Ele é o enunciado do discurso que o transporta como um objeto, mas em função de uma interlocução remetida para fora do discurso, no não-dito (CERTEAU, 1982, p. 56).

A História Oral não é apenas a história do passado. Ela é, também, uma história do tempo presente. Provoca a leitura, interpretação e compreensão do tempo pretérito como um fenômeno vivo, dinâmico e não encerrado. A História Oral pressupõe entender a história como um processo em contínua construção, uma tessitura produzida por muitas mãos, individual e coletivamente, ilustres ou modestas, na celebridade ou no anonimato.

APONTAMENTOS TRANSITÓRIOS

A História Oral tem suas origens no desenvolvimento da linguagem humana. Antes da escrita, foi a principal técnica utilizada pelos grupos sociais para preservar a memória histórica. Mesmo após o surgimento da escrita, a invenção da imprensa e o surgimento da *internet*, a História Oral permanece como uma relevante técnica de pesquisa e registro da história, em especial nas sociedades não letradas.

Durante muito tempo, a pesquisa em história da educação se sustentou, basicamente, em fontes documentais tradicionais. Ao responder interrogações que as fontes clássicas não conseguem elucidar, ao preencher as lacunas apresentadas nos documentos convencionais, a História Oral se constituiu em alternativa metodológica que dialoga com outros tipos de fontes tradicionais. Nesse sentido, a História Oral torna-se um instrumento de pesquisa imprescindível para a investigação em história da educação.

Embora as fontes documentais clássicas tenham se afirmado, desde o positivismo, como o principal arcabouço a ser explorado pelos pesquisadores da educação, a necessidade de se compreender o fenômeno educativo pretérito a partir de questionamentos cada vez mais complexos impôs a necessidade de diversificar as fontes de pesquisa. Muitas perguntas não encontram respostas nos documentos tradicionais.

A relevância de (re)pensar o passado reside no fato de que ele sempre revela algo inédito para a historiografia da educação. O depoimento é mediado pela linguagem entre o dito e o não dito, entre a fala e o silêncio. Nesse sentido, o silêncio em uma pergunta feita ao entrevistado também é revelador, pois traz à tona elementos passíveis de serem considerados e analisados. A partir da micro-história, as fontes orais abrem novos horizontes de compreensão do passado por meio da escuta de sujeitos ou grupos sociais silenciados e/ou excluídos do processo de construção da história.

Ao planejar uma pesquisa com foco na utilização de fontes orais, o historiador da educação deve estruturar sua entrevista buscando associar três aspectos que se inter-relacionam: o passado (fato histórico), o presente (narrativa) e a relação viva e dinâmica entre eles. Nesse movimento, a fonte oral fornece elementos significativos para o pesquisador complementar uma história parcialmente sabida, abrir novas perspectivas de compreensão da história da educação e, ainda, trazer à tona indagações que possibilitem elucidar uma história ainda não conhecida.

A narrativa é construída e produzida por dois sujeitos, em uma relação dialética e dialógica estabelecida entre entrevistado e entrevistador. O documento resultante da História Oral ganha sentido e significação ao longo do diálogo. Terá relevância documental como fonte se o depoimento estiver articulado com o objeto de investigação e se o pesquisador possuir, além de acuidade investigativa, pleno domínio da técnica na História Oral. Por isso, as fontes orais não são encontradas ao acaso, *in natura*, como os documentos tradicionais.

A História Oral tem como fundamento a produção de uma narrativa por um sujeito que viveu um determinado momento da história. Nesse sentido, a memória é o recurso mais importante para a produção de um relato oral. A memória não é um arquivo composto por dados desconectados e desarticulados. Ao ser provocada, a memória traz para o depoimento lembranças impregnadas de informações preciosas para a história da educação. Dessa forma, a memória é o elemento dinamizador do relato que dará origem a um novo documento, inédito e revelador, uma produção conjunta, resultante do diálogo entre os dois sujeitos.

Cabe ao pesquisador mergulhar nesse universo de informações resgatadas pela memória, recompor a trama do tecido histórico e encontrar a resposta para seus questionamentos. Essa descoberta torna-se possível à medida que o entrevistador provoca a memória do entrevistado por meio de perguntas que entrelaçam as falas do depoente com o objeto de pesquisa. A consistência e relevância do documento produzido pelas fontes orais requer investimento intelectual do historiador. Ou seja, envolve a recomposição de eventos passados, a análise crítica da entrevista e sua interpretação sistemática.

A História Oral não se restringe a contar o passado. Ela é a história presente, entendida como um fenômeno dinâmico e não encerrado. Por isso pressupõe a leitura, a análise e a compreensão do fato pretérito como um evento vivo, não encerrado e parcialmente explicado pelas fontes tradicionais. A História Oral pressupõe, também, conceber a história como um processo contínuo, produzido por muitas mãos, por vários grupos sociais, muitos deles no anonimato.

Na pesquisa em história da educação, a História Oral não se apresenta como uma metodologia que nega as fontes documentais clássicas. Ao responder interrogações que as fontes tradicionais não conseguem esclarecer, ao preencher as lacunas apresentadas nos documentos impressos e/ou escritos, a História Oral se constitui como alternativa metodológica que dialoga com os outros tipos de fontes e possibilita novas perspectivas de abordagem e interpretação do fenômeno histórico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL, 3., e ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA, 4., 2016, Ituiutaba, MG. *Anais* [...]. Ituiutaba: UFU – Campus Pontal, 2016. p. 1-9. Disponível em: http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacris_tinasantosdeoliveiraalves.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro William Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1992. 352 p.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 219-229. 277 p.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas**: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020. 192 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 488 p.

CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não-escrita. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 139-147. 277 p.

CAMARGO, Aspásia. História oral e política. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 75-99. 157 p.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 345 p.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 215-218. 277 p.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 149-164. 277 p.

DUBY, Georges. A história: um divertimento, um meio de evasão, um meio de formação. *In*: LE GOFF, Jacques; LADURIE, Emmanuel Le Roy; DUBY, Georges; CERTEAU, Michel de; VEYNE, Paul; ARIÈS, Philippe; NORA, Pierre. **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 41-43. 89 p. (Coleção Lugar da História).

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Apresentação. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. vii-xxv. 277 p.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 3-13. 277 p.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. O livro Fontes Históricas como fonte. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.); BACELLAR, Carlos; GRESPAN, Jorge; NAPOLITANO, Marcos; JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco; FUNARI, Pedro Paulo; LUCA, Tania Regina de; BORGES, Vavy Pacheco; ALBERTI, Verena; BACELLAR, Carlos. **Fontes históricas**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-22. 302 p.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395/1286>. Acesso em: 08 mar. 2023.

PASSERINI, Luiza. A “lacuna” do presente. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 211-214. 277 p.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. 236 p.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. 258 p.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. 196 p.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 203-209. 277 p.

SAMPAIO, Débora Adriano; DANTAS, Esdras Renan Farias. Memória e representações: entre lembrança e esquecimento. **Revista Fontes Documentais**, Aracaju, v. 03, n. 03, p. 62-75, set./dez., 2020. Disponível em: https://aplicacoes.ifs.edu.br/periodicos/index.php/fontesdoc_umentais/article/view/581/613. Acesso em: 17 fev. 2023.

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação** (UFU), Uberlândia, n. 6, p. 191-201, jan./dez., 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/282/289>. Acesso em: 02 mar. 2023.

SELAU, Maurício da Silva. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. Esboços: histórias em contextos globais. **Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFSC**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 217-228, 2004. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/arti_cle/view/486. Acesso em 05 fev. 2023.

SOUZA, Carla Monteiro de. A incorporação de relatos orais como fontes na pesquisa histórica. **Textos e Debates**: Revista do Centro de Ciências Humanas da UFRR, Boa Vista, n. 4, p. 59-66, 1997. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/986/794>. Acesso em: 21 jan. 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 385 p.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 33-41. 277 p.

WOLFROMM, Jean-Didier. Quarenta anos de vida cotidiana. *In*: LE GOFF, Jacques; LADURIE, Emmanuel Le Roy; DUBY, Georges; CERTEAU, Michel de; VEYNE, Paul; ARIÈS, Philippe; NORA, Pierre. **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 65-68. 89 p. (Coleção Lugar da História).